

## **SOBRE O TEMPO: O SURREAL E O REAL<sup>1</sup>**

### *ABOUT TIME: THE SURREAL AND THE REAL*

**Natália Lampert Batista<sup>2</sup>, Deise Caroline Trindade Lorensi<sup>3</sup>,  
Kalinca Léia Becker<sup>4</sup> e Elsbeth Léia Spode Becker<sup>5</sup>**

#### **RESUMO**

Neste texto se teve por objetivo refletir sobre o tempo, sua relação com o trabalho e o lazer na sociedade contemporânea. A metodologia está embasada na reflexão e na análise descritiva do tema ‘tempo’, utilizando a exposição lógica das ideias. Para desenvolver o texto, foi selecionada a imagem, a obra de arte de Salvador Dalí, intitulada ‘A Persistência da Memória’. Pôde-se inferir que, na sociedade moderna, e, especialmente, na contemporânea, o tempo constitui-se como um fenômeno da evolução sociocultural e um mecanismo de relações entre as classes sociais do capitalismo. O lazer oportunizado pelo turismo, outro fenômeno próprio da sociedade industrial e urbana, também acompanha as suas concepções e transformações. Uma dessas concepções ocorre na relação entre tempo destinado ao lazer e o tempo do trabalho.

**Palavras-chave:** lazer, Salvador Dalí, sociedade industrial, trabalho, turismo.

#### **ABSTRACT**

*This paper aimed to reflect upon time; that is, the relationship between time and work and leisure in contemporary society. The methodology of this study is based on a descriptive analysis of the topic “time”, by presenting a systematic exposition of ideas. To develop this study, the painting “The Persistence of Memory” by Salvador Dali was analyzed. It was inferred that, in modern and, especially, contemporary society, time consists of a phenomenon of sociocultural evolution and a mechanism of relations between the social classes of capitalism. Leisure, being the result of tourism, which is another proper phenomenon of the industrial and urban society, also follows its conceptions and transformations. One of these conceptions results from the relationship between leisure time and work time.*

**Keywords:** leisure, Salvador Dali, industrial society, work, tourism.

---

<sup>1</sup> Trabalho integrante do Projeto Interinstitucional “Temas da Geografia Cultural”.

<sup>2</sup> Aluna de Doutorado em Geografia - Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: natilbatista3@gmail.com

<sup>3</sup> Aluna de Mestrado em Geografia - Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: dctl1@hotmail.com

<sup>4</sup> Coorientadora - Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: kalincabecker@hotmail.com

<sup>5</sup> Orientadora - Centro Universitário Franciscano. E-mail: elsbeth.geo@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O físico de partículas, professor Brian Cox, é um estudioso do tempo. Em 2008 lançou o documentário ‘Que horas são?’<sup>6</sup> que reflete, a partir da pergunta, sobre as noções humanas sobre o tempo. No documentário o físico visita as pirâmides Maias, no México, onde a antiga civilização construiu templos em homenagem ao tempo e a primorosa arquitetura maia registra a passagem do tempo através das sombras refletidas pelas pirâmides durante as diferentes posições do Sol. O documentário indaga, na perspectiva da Física, sobre diferentes questões que envolvem a percepção humana em relação ao tempo e, por fim, deixa a indagação para a experiência que sentimos em relação ao tempo, não passar de uma ilusão.

Na perspectiva da Arte, o quadro do pintor Salvador Dalí, ‘A Persistência da Memória’, deixa seus observadores mais atentos, no mínimo, instigados à reflexão. O efeito dessa representação não seria tão intrigante se não aceitássemos tacitamente que o tempo existe e que o relógio marca sua passagem. Quando perguntamos “que horas são?” Ou “que dia é hoje?”, a nossa expectativa é que alguém, tendo um relógio ou um calendário, nos dê a resposta exata. Em que acreditamos quando fazemos a pergunta e esperamos a resposta? Acreditamos que o tempo existe, que ele passa, pode ser medido em horas e dias, que o que já passou é diferente de agora e o que virá também há de ser diferente desse momento, que o passado pode ser lembrado ou esquecido, e o futuro, desejado ou temido. Assim, uma simples pergunta pode conter, silenciosamente, uma inquietação não questionada por nós: o tempo realmente existe? E se ele existe, somos nós que “caminhamos” para dentro dele? Ou o tempo é uma atitude que depende dos condicionantes sociais, históricos e econômicos, de cada época e do espaço geográfico? Ou, ainda, cada ser humano é entendido como autor e sujeito do mundo em que está inserido?

Para o cientista social Domenico De Masi cabe a cada ser humano escolher e estabelecer uma resposta para a questão do tempo, se ele existe ou não e, se existe, dele vai depender, em grande parte, seu estilo e ritmo de vida, as tecnologias disponíveis em sua história e o grau de acesso a elas.

Se os nossos avós padeciam do tédio de dias sempre iguais, nós, da modernidade líquida, padecemos de vertigem por instantes sempre diversos, dilatados, acelerados e excessivos, nos quais se orientam somente aqueles que, dotados de sabedoria, sabem viver com estilo, submetendo e sincronizando os ritmos frenéticos do mundo aos próprios biorritmos (DE MASI, 2000, p. 200).

No mundo contemporâneo e na esteira das evoluções tecnológicas da Terceira Revolução Industrial e do Capitalismo Informacional, as redes interativas criaram facilidades de comunicação, de lazer e de trabalho que, teoricamente, deixaria as pessoas com mais tempo livre e sintonizadas com suas escolhas criativas. No entanto, na prática, as redes criaram novas oportunidades e facilidades, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela.

<sup>6</sup>Disponível em: <[http://www.dailymotion.com/video/x1hi4tf\\_voce-sabe-que-horas-sao-documentario-2008\\_tech](http://www.dailymotion.com/video/x1hi4tf_voce-sabe-que-horas-sao-documentario-2008_tech)>.

Enquanto fenômeno econômico e social, o tempo tornou-se uma variável importante no mundo da produção e observando a evolução do trabalho como fonte de renda, percebe-se que atualmente este passou a ser mais que um meio de que o homem obtém subsídios para sua sobrevivência. O trabalho se tornou a própria sobrevivência. Não se sabe mais se “trabalhamos para viver” ou se “vivemos para trabalhar”.

O estudo da história da relação existente entre a humanidade e o trabalho revela que houve uma supervalorização da profissão: anteriormente o trabalho desclassificava o homem, sendo delegado a escravos e a servos. O surgimento da burguesia e a consolidação do capitalismo fizeram com que a prática do trabalho fosse amplamente adotada e a desocupação criticada.

Com o passar do tempo o trabalho entrou em um crescente processo de valorização e, no mundo moderno e contemporâneo, é o que atualmente define o caráter e a importância do ser humano na sociedade. Neste mundo a sociedade incorpora a ideia de “ganhar tempo” com a rapidez que as tecnologias possibilitam e torna-se, em sua essência, fluída e líquida. A rapidez dita as regras do cotidiano e o tempo real passa a ser entendido na lógica do capital, “ter” e nesse entendimento, “tempo é dinheiro”. E, nas dimensões espirituais do ser humano, o tempo assume uma dimensão surreal e é entendido em diferentes perspectivas no trabalho, no ócio e no lazer.

O objetivo do texto é refletir sobre o tempo, sua relação com o trabalho, ócio e o lazer na sociedade contemporânea.

## **SOBRE SALVADOR DALÍ**

Salvador Domingo Felipe Jacinto Dalí i Domènech (Figura 1) nasceu em Figueres, na província da Catalunha, Espanha, em 11 de maio de 1904. Viveu com sua companheira e musa, Gala, cujo nome verdadeiro era Elena Ivanovna Diakonova, de 1958 até 1982. Dalí faleceu em sua cidade natal em 23 de janeiro de 1989.

Dalí nasceu no seio de uma família burguesa. Seu pai, Salvador Dalí Cusí, sempre manifestou enorme interesse pelas artes, o que acabou influenciando o filho. Assim, aos dez anos Dalí já desenhava e pintava retratos de membros de sua família e paisagens com muita regularidade (AJAME, 1986).

Em 1922 foi aceito na Escola de Pintura e Escultura da Academia de São Fernando, em Madri, onde experimenta o Cubismo, em 1925, e conhece Pablo Picasso em 1926 (AJAME, 1986).

Em 1929, junta-se em Paris ao grupo surrealista, liderado pelo antigo dadaísta de grande renome, André Breton. Dalí participa de um movimento artístico conhecido como surrealismo e a década seguinte foi marcada pela intensa produção artística. Nessa época, o artista se dedicava em representar imagens do cotidiano de forma inesperada e surpreendente. Logo, Dalí torna-se um líder do movimento surrealista e desenvolve o seu método “paranóico-crítico” (COSTA et al., 2007).

**Figura 1** - a) Salvador Dalí e seu gato de estimação, Babou (fotografia de Roger Higgins, em 1968);  
b) Dalí e sua companheira e musa, Gala.



Fonte: <<https://goo.gl/f4YdWS>>.

Consagrou-se como um dos mais importantes artistas plásticos (pintor e escultor) do surrealismo espanhol. Um dos seus objetivos era produzir uma arte que, segundo os surrealistas, estava sendo destruída pelo racionalismo. Dalí e os artistas do surrealismo foram influenciados, também, pelas teorias psicanalíticas de Sigmund Freud (1856-1939), que enfatizava o papel do inconsciente na atividade criativa. É desta fase uma das obras mais conhecidas de Dalí, “A Persistência da Memória”, que mostra relógios derretendo.

No ano de 1930 Dalí conheceu Gala, que se tornou sua amante e esposa, musa, gerente empresarial e sua principal inspiração artística (COSTA et al., 2007).

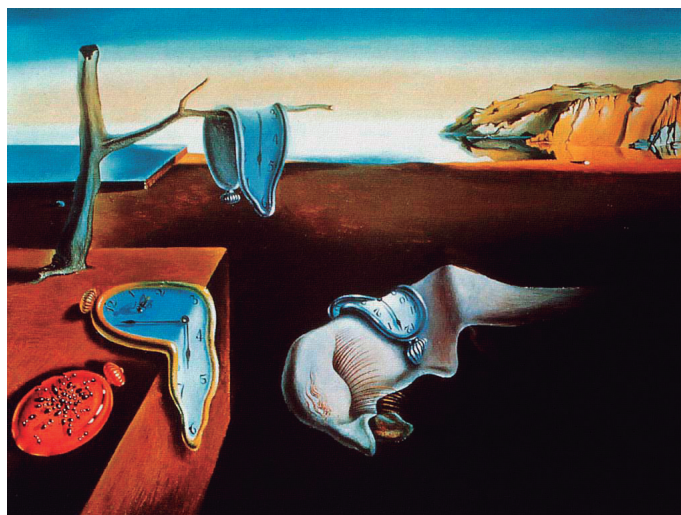
Com a proximidade da guerra, em 1934, Dalí colidiu com os surrealistas e, em 1939, foi expulso do movimento surrealista, porém ele continuou expondo seus trabalhos em exposições surrealistas internacionais. Dalí foi expulso do movimento por motivos políticos. Grande parte dos artistas surrealistas eram marxistas e justificaram a expulsão de Dalí, alegando que o artista adotara um cunho muito comercial para suas obras (AJAME, 1986)

Dalí e Gala fugiram da Europa durante a Segunda Guerra Mundial e viveram os anos de 1940 a 1948 nos Estados Unidos. Em 1948, regressam à Espanha e se instalaram em Port Lligat. Três anos depois, Dalí publicou o chamado Manifesto Místico, ensaio onde explicava sua nova atitude artística, com referências claras a alguns grandes mestres da pintura e a temas religiosos e científicos. Este período, denominado de Misticismo-Nuclear se estenderá até os anos 1970. Em 1974 fundou o Teatro Museu Dalí, em Figueres. Depois da morte de Gala, em 1982, sua saúde começou a fraquejar e Dalí veio a falecer em 23 de janeiro de 1989, em sua cidade natal, Figueres (AJAME, 1986).

## SOBRE A OBRA ‘A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA’

A obra ‘A Persistência da Memória’ (Figura 2) pintada a óleo, aplicado sobre tela com 24,1 por 33 cm, encontra-se exposta no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque.

Figura 2 - ‘A Persistência da Memória’ (1931).



Fonte: <[www.salvador-dali.org](http://www.salvador-dali.org)>.

Na tela (Figura 2) estão representados três relógios moles que marcam diferentes horários. Ao fundo, está representada a paisagem de Porto Lligat, localizada no norte da Espanha e é uma referência à memória de infância do pintor. Segundo a interpretação de Dalí, o formato derretido dos relógios deriva da imagem de um queijo *Camembert*, que ele observava enquanto pintava a tela. As formas sensuais têm uma evidente conotação sexual, característica de outras obras do artista. No centro, a figura simula o retrato do artista, outra característica marcante nas suas obras, a autorretratação (AJAME, 1986).

Dalí via os relógios como instrumentos normalizadores e exatos que traduziam de forma objetiva a passagem do tempo. O fato de os dotar de formas orgânicas remete-os para o universo de prazer, recordando a dimensão fugidia do tempo e o sentido da ambiguidade que a evolução temporal introduz pelo cruzamento da percepção da realidade com a causalidade e inexplicabilidade da memória (AJAME, 1986).

Nessa pintura, Dalí traduziu seu interesse na inexplicabilidade do tempo e o entendia como objeto não passível de ser moldado. Por isso, buscou nas ciências modernas o cruzamento de teorias mais abstratas da física, como a teoria da relatividade de Albert Einstein (1879-1955), que colocou em causa a ideia de espaço e tempo fixos, com as pesquisas de Sigmund Freud (1856-1939) que enfocavam o inconsciente e a importância dos fenômenos dos sonhos (AJAME, 1986).

Entender o tempo como objeto não passível de ser moldado, conforme preconizava Dalí em sua arte, remete ao enfoque de reflexão e ao exercício de rever valores e pressupostos já estabelecidos na sociedade.

## MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia está embasada na reflexão e na análise descritiva do tema ‘tempo’, utilizando a exposição lógica das ideias. O processo de reflexão envolve o exame de pressupostos, crenças e valores estabelecidos, revisa perspectivas e significados e é elemento essencial para promover mudanças e rever posturas nas relações e no entendimento sobre fatos e suas consequências na história humana. A análise descritiva permite desenvolver o raciocínio, o pensamento complexo e a visão integrada às diferentes formas conhecer e de expressar a condição humana.

Para desenvolver o texto, foi selecionada a imagem, a obra de arte de Salvador Dalí, intitulada ‘A Persistência da Memória’. Pesquisou-se sobre o autor, a obra, para, então, relacionar o contexto de época e de sociedade em que o tempo passou a ser “delimitado” para o trabalho e, em função dele, decorre o tempo livre e o lazer.

Sartre (1996, p. 15) foi categórico ao dizer que “o ato reflexivo é que permite o julgamento ‘eu tenho uma imagem’”. Para Sartre, a imagem enquanto imagem faz-se, primeiramente, como ato da consciência, mas para sua existência faz-se essencial a reflexão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### SOBRE O TEMPO: O SURREAL E O REAL

O tempo de Dalí era flexível e, por isso, o artista representou os relógios de forma surreal, derretidos, flexíveis, maleáveis, parecendo fluir pela superfície onde estão apoiados. Influenciado por Einstein e por Freud, Dalí relativizava o tempo e o entendia não mais marcado pela rigidez do relógio, mas dilatado.

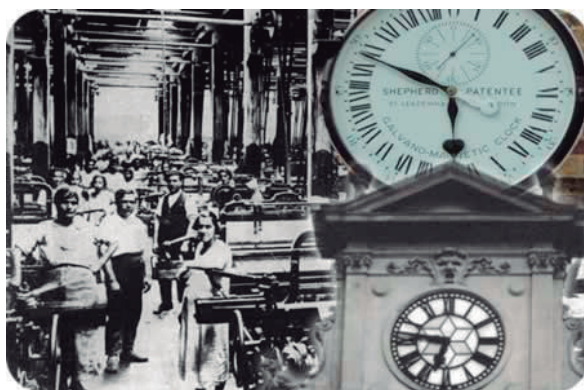
Não menos surreal é a obra clássica de Lewis Carroll sobre a história de ‘Alice no país das maravilhas’ que fala de relógios. O livro começa com uma menina que, após adormecer ao fim da leitura de uma história, acorda espantada com o ruído de um coelho branco, que vestia um colete e carregava um relógio no bolso. O coelho afoito e apressado era visivelmente estressado. Olhando para o relógio o tempo inteiro, ele repetia insistentemente: “É tarde. É tarde! É tarde, muito tarde!” Sempre atrasado para algum evento, ele vivia sob intensa pressão. Alice ficou intrigada e perseguiu o coelho. Seguiu-o até uma toca, na verdade, um túnel que a levava até um mundo de maravilhas. Tomando um rumo incerto, ela encontrou personagens exóticos. O futuro do coelho era definido por um presente desordenado, escravizado pelo tempo, sufocado pela rotina e pelos compromissos. O relógio do coelho definitivamente não era mole!

O tempo real é alucinante, rápido e fluído, e sua influência na sociedade é assim percebida. A sociedade atual é frenética, escravizada pelo relógio, sufocada pela rotina e pelos compromissos aos quais estamos submetidos.

## SOBRE O TEMPO E O TRABALHO

Os primeiros registros para marcar o tempo foram feitos pelos povos antigos, que delimitavam a “passagem” do Sol e, para isso, utilizavam instrumentos da natureza, como rochas, em posições adequadas, para projetarem a sombra que marcaria a passagem do tempo. A história dos relógios acompanha, efetivamente, a própria história da civilização e deve ter iniciado por volta de 5.000 anos passados. É, no entanto, a partir da industrialização que os relógios se tornam peças eficazes no controle do tempo, e a medição do tempo passou a ser uma preocupação permanente. Nas sociedades industriais, o “tempo é dinheiro”. O relógio passou a ser o elo entre o tempo e a sociedade industrial. Além disso, regulou a vida privada e pública das populações inseridas nesse processo. A figura 3 ilustra o interior da fábrica, no final do século XIX, e evidencia o tempo do trabalho marcado pelo relógio.

**Figura 3** - Interior da fábrica, final do século XIX, evidenciando o trabalho marcado pelo relógio.



Fonte: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br>>.

O sistema capitalista de produção e as sociedades moderna e contemporânea estão fortemente vinculados ao trabalho e parece que tudo decorre da relação do trabalho. Segundo De Masi (2000, p. 192), o racionalismo instaura sua lógica [...] As necessidades das pessoas são “fortes”: cada qual se concentra em poucas necessidades essenciais, às quais dedica sua vida inteira com duras horas de trabalho, para obter casa própria, fazer com que os filhos frequentem a escola [...].

O tempo e a vida das pessoas são organizados pelo relógio, inclusive o tempo livre de cada indivíduo, que está atrelado ao tempo destinado às relações de trabalho. Nesse sentido, o tempo é mercadoria e obedece às regras do modelo de produção atual, globalizado, *just-in-time*. Nesse modelo, o tempo livre e as atividades de lazer, em suas diferentes formas, ganham mais adeptos e, cada vez mais, espaços são criados e recriados para suprir as demandas do mercado e atender às necessidades do consumidor.

A busca e a necessidade do lazer aumentam na sociedade contemporânea, uma vez que o indivíduo vive imerso em um mundo de obrigações em que a ênfase é toda no trabalho. Ocorre, no entanto, que, para a maioria da população, o trabalho não oferece satisfação, sendo meramente um instrumento para obtenção dos recursos básicos para a sobrevivência e para o consumismo.

## O TEMPO, O TRABALHO E O LAZER

Em épocas primitivas, as atividades humanas eram movidas unicamente pelo instinto de sobrevivência. Para Santos (1982), as pessoas viviam o seu tempo de forma contínua e todas as atividades estavam ligadas, de alguma forma, à ideia de necessidade, inclusive as festividades e jogos eram submetidos a cultos e a rituais, caracterizando o seu sentido obrigatório. Constata-se, assim, que o binômio trabalho x lazer não era caracterizado. A esse respeito, Santos (1982, p. 18) afirma:

Há familiaridade dos povos primitivos com seu espaço. Sua percepção do espaço confunde-se com o espaço social necessário à reprodução de sua vida. Quando a economia se complica, uma dimensão espacial mais ampla se impõe, e o espaço de trabalho é cada vez menos suficiente para responder às necessidades globais do indivíduo.

Assim entendido, nas sociedades pré-urbanas, não havia a separação entre os vários momentos da vida. A produção era ligada ao núcleo familiar, e o trabalho desenvolvia-se com conversas, cantos, ou seja, acompanhava o ritmo do ser humano (SADER, 2000).

Séculos mais tarde, na Grécia clássica, pensadores como Aristóteles já teorizavam a respeito do uso do tempo livre. Os gregos viam nesse espaço a oportunidade para o exercício de atividades contemplativas, reflexões filosóficas e outras ocupações ligadas ao desenvolvimento da mente.

Os romanos acompanharam o pensamento grego, mas, devido à sua índole imperialista, eles entendiam que o tempo livre não deveria ficar limitado a cruzar os braços, já que isso cessaria as atividades do ganho material, indispensáveis para o destino da pátria, e o uso desse tempo livre não deveria concorrer para o bem comum. Essa ideia de benefício coletivo também constava das regras sociais de alguns povos pré-colombianos, como nas sociedades do Império Inca. No período de intervalo das atividades agrícolas, a população era obrigada a trabalhar na construção de estradas, canais de irrigação e outras obras de infraestrutura, que eram de interesse público (GALEANO, 2004).

É importante observar que, na Grécia e em Roma, essa visão sobre o tempo do trabalho referia-se apenas aos cidadãos; logo, escravos e servos, a maioria da população, era excluída. Assim também ocorria no período feudal, no qual a nobreza e o clero viviam seu tempo livre às custas do trabalho do restante da população.

Desse modo, o lazer moderno surge junto à primeira Revolução Industrial, no século XVIII, com a formalização do trabalho, gerando uma cisão entre a vida pessoal e o tempo laborativo. É, também, a partir da Revolução Industrial que o tempo começa a ter uma conotação de que ele existe, pode ser medido e apropriado para a produção. Na segunda metade do século XX, a velocidade e a rapidez, intimamente ligadas à tecnologia, tornaram-se um índice de progresso. Carmo (1998, p. 68) comenta:



É certo que estamos rodeados de bens que nossos ancestrais nem podiam imaginar. Possuíamos automóveis que permitem deslocar-nos mais rapidamente para o trabalho ou que saíamos da cidade para desfrutar da natureza, mas nossos antepassados, sem necessidades de tais máquinas, conseguiam facilmente ambas as coisas, pois trabalhavam em suas casas, ou perto delas e estavam na natureza ou chegavam até ela sem esforço, com suas pernas, sem tensões, engarrafamentos e sem acidentes. É verdade que não chegavam tão longe quanto nós, mas não precisavam disto.

Cabe ressaltar que o capitalismo industrial foi o principal responsável pela moderna divisão do trabalho, o que, em última análise, permite afirmar que fomentou a divisão da sociedade em grupos socioeconômicos e interferiu nas atividades para as diferentes classes. Padovani (2003) considera que a necessidade do lazer cresce com a implementação do fenômeno urbano e da sociedade moderna, na qual os ritmos se aceleram e há a sensação de que o próprio tempo passa mais rápido. Com todas as atribuições da vida urbana, o lazer pode ser considerado uma “válvula de escape” a todo esse processo.

Para o cientista social Joffre Dumazedier (2004, p. 16)

Lazer é o conjunto de ocupações as quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se, entreter-se, ou ainda para desenvolver a sua formação ou informação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após liberar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Conforme essa definição, lazer está associado ao tempo disponível após a execução de atividades habituais como o trabalho, por exemplo. Uma interessante análise é feita por Marcellino (2000) que, ao recorrer à vasta bibliografia, argumenta que o entendimento do lazer passa fundamentalmente pelos aspectos tempo e atitude e vai mais além ao acreditar que tempo e atitude perpassam pelos condicionantes sociais e históricos, de cada época e do espaço geográfico, entendendo o ser humano como autor e sujeito do mundo em que está inserido.

## **SOBRE O TEMPO, O LAZER E O TURISMO**

Os deslocamentos fazem parte do modo de vida dos humanos há muito tempo, primeiramente atrelados à sobrevivência e, na Antiguidade Clássica, as viagens eram empreendidas pelos jogos e crenças, e em busca de cura nas águas termais, conforme relatam Yasoshima e Oliveira (2002). Na Idade Medieval, a principal motivação era de ordem religiosa. Na sociedade moderna e, especialmente, na contemporânea, o turismo constitui um produto da evolução sociocultural (BOYER, 2003). O turismo é próprio da sociedade industrial e urbana e, assim, acompanha as suas concepções e transformações. Uma das concepções da sociedade contemporânea<sup>7</sup> ocorre justamente na concepção entre tempo destinado ao lazer e o tempo do trabalho.

<sup>7</sup> Sociedade contemporânea é entendida aqui como a ordem social estabelecida no mundo Ocidental a partir das transformações decorridas da Revolução Industrial e das revoluções burguesas (inglesa, americana, francesa) nos séculos XVIII e XIX. Essa ordem se contrapõe ao Antigo Regime, em que prevalecia a monarquia absoluta de direito divino e uma divisão da sociedade em três estados: Nobreza, Clero e o Terceiro Estado (composto pelos demais plebeus: burgueses, servos e artesãos).

No século XX, o tempo dedicado ao turismo, à semelhança dos momentos de lazer em geral, é tido por oposição ao tempo do trabalho e começa a persistir a ideia da existência de uma relação de contrariedade e de complementaridade entre ócio e negócio. Nas sociedades da Antiguidade Clássica, assim como na do Antigo Regime, tal ideia não existia. O trabalho e o negócio eram tidos como algo desprezível, e as viagens e o ócio eram símbolos de distinção social (BOYER, 2003).

Dumazedier (2004) relata que os dias sem trabalho dos camponeses dessas sociedades anteriores também não possuíam o caráter de liberação que ganharam as férias e os fins de semana na sociedade industrial, pois estavam ligados essencialmente ou a fins espirituais ou à impossibilidade de trabalhar devido ao clima. O dia sem trabalho do camponês tinha uma conotação negativa. A renda média do trabalhador era inferior às suas necessidades fisiológicas, e a redução do trabalho significava, em realidade, o aumento da miséria (DUMAZEDIER, 2004). O repouso dos trabalhadores estava inserido no próprio ritmo de trabalho, naquela época, mais ligado aos próprios ritmos da natureza.

A sociedade industrial e a burguesa destroem o ócio como norma, instituindo o trabalho como valor universal (DEPREST, 1997). O cisma na igreja cristã, a Reforma Luterana e a concepção de uma ideia sobre a dignidade da riqueza gerada pelo trabalho estabelecem este como valor cristão.

O modo de vida urbano, então ascendente, também contribui para tal concepção, ao vir a significar, entre outras coisas, uma nova temporalidade. O tempo do trabalho passa a ser ditado pelo relógio, cronométrico, possibilitando sua oposição com o tempo cronométrico do não-trabalho. Nesse contexto, a viagem turística virá a constituir parte do tempo do não-trabalho, do lazer moderno, ainda que restrito às elites (DEPREST, 1997).

As transformações da relação entre trabalho e tempo podem ser entendidas, no bojo do que Foucault (2002) comenta ser, como uma nova mecânica de poder criada com a sociedade burguesa, um poder “disciplinar”. Esse poder está menos centrado na existência de relações de obrigações para com o empregador, e sim na coerção da força, na sua vigilância e na busca por extrair-lhes tempo e trabalho.

Convém notar que a etimologia da palavra lazer vem do latim *licere*, que significa “o que é permitido, lícito”. Esse significado parece demonstrar a nova relação existente entre ócio e trabalho e a ruptura que marca e distingue a sociedade aristocrática e a sociedade burguesa industrial quanto ao valor dado ao trabalho em que o próprio termo “turismo”<sup>8</sup> tem sua origem nessa época. Assim, nessa perspectiva do lícito, do permitido, surge a noção e a prática das férias modernas, um dos fatores fundamentais para popularização do turismo. Como aponta Urry (2001, p. 38), “os proprietários das fábricas começaram a admitir essas ‘semanas de folga’ como períodos regularizados de férias, as quais encontravam sua compensação no fato de que o comparecimento ao trabalho era muito mais regular, durante o resto do ano”. Entretanto, isso, por si só, seria condição suficiente para a popularização do turismo, porém, o autor aponta, ainda, outros fatores importantes como o desenvolvimento dos transportes, viabilizando uma mobilidade a baixo custo; o discurso médico, atribuindo propriedades

<sup>8</sup>O termo turismo é referido no “The Shorter Oxford English Dictionary”, em 1811, citado por Moesch (2000).

curativas aos balneários; a cultura do Romantismo que passa a valorizar a natureza e as paisagens como algo esteticamente aprazível.

O aprimoramento da técnica possibilitou, cada vez mais, a automação e a rapidez na execução das tarefas. Essa rapidez passa a atribuir ao tempo uma fluidez e assim é percebido como algo passageiro e fugaz e dá aos indivíduos a constante sensação de “estar atrasado”. Nesse cotidiano, sente-se a necessidade de sair da rotina e, nessa perspectiva, o lazer assume a tarefa de uma outra possibilidade além do trabalho, da marcação das horas e da constante sensação de atraso.

Dumazedier (2004) afirma que o lazer, longe de responder a compensações de atividades parcelares no trabalho, acaba por refundar essa própria sociedade, em novas sociabilidades, valores e modos de produzir, e por que não dizer “uma outra forma de viver o tempo”.

Considerando as questões apresentadas, é possível compreender o quão importante e interessante é o entendimento do tempo, para desvendar a origem dos “ditames” do relógio sobre o comportamento humano. Para entender o tempo, como uma dimensão fundamental para a compreensão do lazer, foi necessário analisá-lo nos seus diferentes momentos históricos, que acabaram demonstrando o tipo de lazer ao qual estamos submetidos. Sobretudo em tempos pós-modernos, onde percebemos a dissolução de formas de vida e de conceitos como classe, família, profissão, etc., dando espaço para a emergência de novas formas de organização da vida, do trabalho, do lazer.

## CONCLUSÃO

Na obra ‘A Persistência da Memória’, os relógios flácidos conotam dois significados de interesse para a conclusão dessa reflexão, ou seja, primeiramente, a relatividade do tempo, maleável, característica notada na marcação das horas, distinta nos três relógios e a rapidez do passar do tempo, denunciado pela mosca pousada em um deles, indicando que ‘o tempo voa’. Este sentimento do homem em relação ao tempo é fruto das transformações históricas da nossa época. O tempo nem sempre foi experimentado assim. Porque o tempo deve ser entendido, também, como uma construção social e está diretamente ligado ao nível de desenvolvimento e práticas de uma sociedade.

A sociedade atual é frenética, escravizada pelo relógio, sufocada pela rotina e pelos compromissos aos quais estamos submetidos. O tempo real é alucinante, rápido e fluído, e sua influência na sociedade é assim percebida. A maior contradição deste “sentimento” sobre o tempo é a de que parece haver uma relação inversa entre o crescimento da compreensão do tempo e dos avanços nos esforços para o seu controle (nunca houve tantos instrumentos e técnicas sofisticados para medição e controle do tempo) e a percepção de que estamos sempre pressionados, oprimidos e escravizados por ele.

Através da obra de Dalí foi possível realizar uma pequena revisão histórica da existência do tempo na perspectiva do trabalho humano e relacionar com o lazer e o turismo. Assim como o relógio,

o turismo é próprio da sociedade industrial e urbana e, assim, acompanha as suas concepções e transformações. Uma dessas concepções ocorre na relação entre tempo destinado ao lazer e o tempo do trabalho.

## REFERÊNCIAS

AJAME, Pierre. **As duas vidas de Salvador Dalí**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

BOYER, Marc. **História do Turismo de Massa**. Bauru: EDUSC, 2003.

CARMO, Paulo Sérgio. **O trabalho na economia global**. São Paulo: Moderna, 1998.

COSTA, Rodrigo Ronelli Duarte da; NASCIMENTO, Robson Souza do; GERMANO, Marcelo Gomes. Influências da Física Moderna na obra de Salvador Dalí. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 24, n. 3, p. 400-423, dez. 2007.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DEPREST, Florence. **Inquérito sobre o Turismo de Massa: a ecologia face ao território**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FOUCAULT, Michel. Aula de 14 de janeiro de 1976. In: \_\_\_\_\_. **Em defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 27-48.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

MARCELLINO, Néelson. **Estudos do lazer**. São Paulo: LTR, 2000.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

PADOVANI, Eliane. A cidade: o espaço, o tempo e o lazer. In: GERARDI, Lúcia Helena. **Ambientes: estudos de Geografia**. Rio Claro: UNESP/AGETEO, 2003.

SADER, Emir. Trabalho, desemprego e tempo livre. In: **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC/WLA, 2000.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Nobel, 1982.

SARTRE, Jean-Paul. **O imaginário**. São Paulo: Ática, 1996.

URRY, John. **O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

YASOSHIMA, José Roberto; OLIVEIRA, Nadja da Silva. Antecedentes das viagens e do turismo. In: REJOWSKI, Mirian (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

